

Resolução de Conjuntura - Conselho Nacional de Entidades Gerais

“Os estudantes estão nas ruas”: seja na década de 40, nos anos 60, no movimento dos “caras-pintadas” ou na atualidade, essa máxima se mantém verdadeira no Brasil. Desde antes da fundação da UNE e até hoje, os estudantes brasileiros com frequência se mostraram conscientes das necessidades e dificuldades do nosso país e do mundo. Neste momento, vivemos um período de rápida desagregação das “regras”, normas internacionais e costumes de um sistema capitalista que, após a crise financeira de 2008 e a crise econômico-sanitária da pandemia de COVID-19, já é incapaz de apresentar qualquer perspectiva real de melhoria de vida para os povos do mundo.

Ao longo das últimas décadas os estudantes estiveram mobilizados e presentes nos momentos mais frágeis da nossa democracia, sendo a espinha dorsal dos processos em defesa da democracia no nosso país. Vivemos um momento de profunda crise estrutural do capitalismo, que se expressa em diversas dimensões: a crise política, econômica, ambiental e a crise de valores. Diante do desafio em salvar esse sistema já moribundo, a ascensão do facismo e da extrema-direita é a resposta das classes dominantes, organizando uma ofensiva global, se apresentando como “alternativa” insuficiente para as crises que provoca, enquanto avançam em medidas econômicas neoliberais, destroem os direitos das mulheres, da juventude, dos trabalhadores e agravam a já urgente crise climática como uma forma de garantir a manutenção da ordem. Essa ofensiva sofreu um salto qualitativo com a radicalização da política de rapina dos Estados Unidos, que reeditaram a Doutrina Monroe com o chamado “Corolário Trump”. Nessa quadra histórica, o cerco contra a Revolução Bolivariana transformou-se em um ataque militar contra a Venezuela e o sequestro do presidente Nicolás Maduro e Cília Flores, acontecimento sem precedentes em dimensão e consequências para a América Latina. Enquanto isso, o imperialismo avança suas garras sob a Ásia Ocidental, com apoio de Netanyahu e o estado sionista de Israel, agrava a crise humanitária e viola à soberania e autodeterminação dos povos na região, desde o genocídio do povo palestino até o brutal ataque ao Irã, assassinando a principal liderança política e religiosa do país.

Nesse momento, todos os olhares do mundo se dirigem à Cuba. Após meses de recrudescimento do Bloqueio, visando causar uma catástrofe humanitária com o aprofundamento da crise energética, a verdade é que Donald Trump prepara um ataque militar para solapar a Revolução Cubana, depois de 7 décadas de sabotagem e Bloqueio não alcançarem esse objetivo. Para isso, intensificam o bloqueio energético, impedindo a entrada de bens petrolíferos na ilha; forjam acusações contra Raúl Castro, líder histórico da Revolução e general das Forças Armadas Revolucionárias e acentuam sua campanha internacional contra Cuba, com objetivo de sucumbir o farol da esperança socialista do povo latino americano.

Não obstante os ataques militares, os Estados Unidos continuam a intervir nos processos e acontecimentos políticos da América Latina. O avanço da extrema-direita nos governos da região, a articulação de iniciativas militares com os norte-americanos como o chamado “Shield of the Americas” e a ingerência de Trump nos processos eleitorais de Honduras, Argentina e mais recentemente na Colômbia, apontam para um alto grau de interferência dos EUA nas próximas eleições brasileiras. Ao mesmo tempo, observamos a continuidade do assassinato e violência física contra lideranças sociais e de esquerda, demonstrando que as classes dominantes seguem capazes de cometer qualquer crime para manter seu poder e privilégios. De maneira indiscutível, a articulação entre as lutas internacionais e os desafios nacionais se impõe na agenda dos estudantes brasileiros.

No Brasil, após o Golpe contra a presidenta Dilma, o aprofundamento da agenda neoliberal nos Governos Temer e Bolsonaro e uma apertada derrota presidencial do projeto neofascista em 2022, observamos nos últimos 4 anos a resiliência do bolsonarismo e da direita na agenda política nacional. Mesmo com a condenação e prisão de Bolsonaro, o Congresso Nacional aprovou o projeto de anistia disfarçada de “dosimetria” para os golpistas do 8 de Janeiro, além de rejeitar, pela primeira vez em mais de um século, uma indicação presidencial ao STF. Por diversas vezes, a direita se aproveitou da sua maioria nas casas legislativas para impor retrocessos e impedir avanços nas mais variadas pautas, dos direitos reprodutivos das mulheres à pauta da redução da maioridade penal.

Os traidores da pátria fazem de tudo para entregar nossas riquezas de “mão beijada” a Trump. Nesta última semana, Flávio Bolsonaro fez uma visita à Casa Branca que culminou em um novo tarifaço de 25%, tendo como um dos pretextos a alegação de que o PIX estaria prejudicando as empresas americanas. A realidade é uma só: a família Bolsonaro e seus capachos querem transformar o Brasil em um quintal dos Estados Unidos. Os estudantes brasileiros não permitirão e seguem firmes na linha de frente em defesa da soberania nacional.

É nesse cenário complexo que o Governo Lula atuou nos últimos 4 anos, após uma apertada derrota do bolsonarismo por uma frente ampla democrática nas eleições de 2022. O governo democrático-popular precisou manejar uma composição ministerial heterogênea, dentro de uma correlação de forças institucional desfavorável e uma necessidade popular por avanços na transformação do país. Avanços importantes foram implementados na educação, como o Pé-de-Meia nas escolas, o fim da lista tríplice nas universidades, a manutenção da reivindicação de 10% do PIB para a educação no PNE, o fim dos 40% EAD em cursos presenciais, limitação do ensino à distância na formação de professores, aprovação do PNAES, Rede de apoio aos cursinhos populares (CPOP), expansão dos IFs e o Pé-de-Meia licenciaturas; todas iniciativas que possuem no seu DNA as demandas das entidades estudantis e a mobilização dos estudantes. Ao mesmo tempo, o Arcabouço Fiscal e a alta taxa de juros, mantida sob chantagem do mercado financeiro e da Faria Lima,

funcionaram como “camisa de força” na construção dos avanços estruturais necessários para a educação e o desenvolvimento nacional.

Seria impossível não destacar a aprovação do Fim da Escala 6x1, da isenção do imposto de renda até 5 salários mínimos e da taxaço dos lucros e dividendos. Essas políticas, assim como a derrota da PEC da Blindagem, são fruto direto de uma longa jornada de lutas dos movimentos sociais brasileiros nos últimos anos, que incluiu desde a realização do Plebiscito Popular até articulação de parlamentares progressistas e atuação do Governo Federal. São vitórias que demonstram que o caminho para alterar a correlação de forças rumo à construção de uma nova sociedade passa centralmente pela mobilização e organização popular.

Neste ano, nós brasileiros iremos novamente às urnas e caberá à juventude ser linha de frente no combate à extrema-direita para impedir o retorno de um projeto reacionário à presidência da república. Apesar de também estar representada nas candidaturas de Ronaldo Caiado, Renan Santos, Romeu Zema e outros candidatos, o campo político das elites se concentra no nome de Flávio Bolsonaro, notoriamente envolvido com o crime organizado no Rio de Janeiro e com o escândalo recente do Banco Master. O filho de Jair Bolsonaro ainda confirmou sua submissão total aos interesses imperialistas estrangeiros em vergonhosa e criminoso viagem aos EUA, onde pediu para Donald Trump intervir nos assuntos internos brasileiros e garantiu o reconhecimento estadunidense de facções criminosas brasileiras como organizações terroristas, medida danosa no combate à criminalidade e violadora da nossa soberania.

Não obstante, ainda declarou seu interesse em entregar de mão beijada as terras raras brasileiras e outras riquezas nacionais aos norte-americanos. Por outro lado, já é possível constatar maior aglutinação popular em torno da candidatura de reeleição de Lula, que lidera hoje todos os cenários possíveis nas pesquisas eleitorais e se posiciona como o candidato mais apto a assumir as bandeiras democráticas e progressistas no segundo turno. Compreendendo as possibilidades colocadas, a UNE deve assumir papel consequente no debate público, sobretudo agitando suas bandeiras de luta e apresentando sua Plataforma de Avanços para o Brasil para disputar os rumos da frente que se conforma em torno de Lula, incentivando a criação de um núcleo progressista capaz de pautar os princípios e caminhos de sua candidatura e possível quarto mandato no governo federal.

Para o próximo período, é tarefa central dos estudantes combinar as mais diversas reivindicações e formas de luta ao combate contra a extrema-direita e suas políticas de destruição do país. Passo importante foi dado pelos estudantes de São Paulo, capitaneados pela USP, UNESP e UNICAMP em suas mobilizações em defesa de seus direitos e contra o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, que aplica o projeto bolsonarista na educação paulista com a militarização das escolas e sucateamento das universidades estaduais. Entram na ordem do dia também as reivindicações por um projeto nacional que enfrente de maneira decisiva as desigualdades sociais

candentes, a crise climática e garanta o desenvolvimento pleno das potencialidades brasileiras, defendendo a soberania nacional com medidas como a criação da “Terrabrás”. A defesa da educação e da soberania nacional passa, fundamentalmente, pela política econômica. O orçamento público é o maior instrumento de transformação econômica e justiça social que temos, e que está em constante disputa. Somente com investimentos públicos robustos, a superação da política rentista e das altas taxas de juros, é que poderemos avançar na construção de um país mais justo e verdadeiramente soberano.

Em todas essas lutas, da Palestina a Cuba até o Brasil, a União Nacional dos Estudantes seguirá pautando as transformações estruturais necessárias do nosso tempo, coerente com sua trajetória quase centenária de lutas nacionais e internacionalistas. Nas salas de aula e nas ruas, os estudantes seguem mobilizados e em luta!